



Sistema desenvolvido na Esalq preserva a mata atlântica

“Minha plantação está no meio das árvores”. É desta maneira que o assentado Benjamim Muniz, 77, define o seu lote. Ele está assentado desde 2005 no Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Alves, Teixeira e Pereira, em Eldorado, no Vale do Ribeira, região conhecida por abrigar o maior remanescente de mata atlântica do Brasil.

Ele que já foi produtor de gengibre na região e utilizava técnicas convencionais, hoje, descarta qualquer tipo de agrotóxico em sua plantação. Com base no manejo sustentável, atualmente sua roça está alternada com plantas nativas e agrícolas. No lote é cultivado abacate, limão, pupunha, guabioba, mandioca, feijão, milho, plantas medicinais e ornamentais, além de banana e juçara, culturas tradicionais da região.

Foi por meio do trabalho desenvolvido na região pela Escola



Para o professor Paulo Kageyama, modelo PDS concilia o desenvolvimento socioeconômico das famílias com preservação

Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) em parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) de São Paulo que os pequenos agricultores deste PDS conheceram esta nova forma de praticar a agricultura, conhecido como Sistema Agroflorestal.

“O Sistema Agroflorestal é um sistema não-convencional de agri-

cultura. A idéia é combinar a produção com a preservação do meio ambiente, juntar espécies que se combinam, mantendo a biodiversidade e o equilíbrio ecológico”, explica Paulo Kageyama, professor da Esalq e coordenador geral do Programa de Pesquisa e Desenvolvimento dos Assentamentos Rurais e Agricultura Familiar do Estado de São Paulo.

O professor explica que combinar espécies perenes com anuais é um bom negócio para o pequeno produtor, pois com isso ele consegue manter o solo coberto o tempo todo, o que melhora a qualidade da terra e mantém a biodiversidade do local. E o assentamento não podia ser pensado de forma diferente. A região do Vale do Ribeira concentra cerca de 20% do que sobrou de mata atlântica no Brasil – em todo o país, restam apenas 7%. O convênio entre o Incra-SP e a Esalq foi firmado no dia 13 de setembro de 2007, no qual estão previstas atividades de capacitação e a realização de um diagnóstico socioeconômico e ambiental. Uma das ações em andamento é a identificação das espécies com potencial extrativista. O objetivo é promover o aproveitamento econômico não-madeireiro de espécies florestais, o que envolve alimentação, fitoterapia e fitocosmética.